

TRADUTORES: ATÉ QUE A LOCALIZAÇÃO NOS SEPARE?

Laura Tallone

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

lauratal@iscap.ipp.pt

RESUMO:

O trabalho específico do tradutor inserido num projecto de localização exige deste competências diferentes das do tradutor técnico ou literário. A definição destas competências distintas é em parte determinada pelos materiais com que uns e outros são confrontados. O presente artigo analisa as diferenças ao nível dos textos de partida e das diversas estratégias utilizadas na produção dos textos de chegada.

Palavras chave: tradução técnica, localização, texto de partida, texto de chegada, escrita para tradução.

ABSTRACT:

The specific task of translators working on localization projects demands different competences from those of technical or literary translators. The definition of these competences is partly determined by the materials handled by both types of professional. This paper analyses the differences in the source texts as well as the diverse strategies used for the production of the target texts.

Key words: technical translation, localization, source text, target text, writing for translation.

Introdução

Que a tradução e a localização são duas actividades diferentes parece não levantar dúvidas. Embora não seja, e nunca tenha sido, “apenas uma questão de língua”, o certo é que a tradução, seja ela técnica, científica ou literária, ocupa-se principalmente da palavra como veículo do pensamento. Mais ainda, para além de operar a transferência linguística de um “conteúdo” ou “mensagem”, ou talvez para poder levar a cabo essa transferência, a tradução deve dar conta das intenções, atitudes, pressupostos e alusões que se manifestam no texto original através de um leque quase inesgotável de recursos, que passam pelas escolhas lexicais, as estruturas sintácticas, as relações de coesão, etc.

A localização, por outro lado, é um processo que excede o da tradução e do qual esta constitui uma das fases, porventura não a mais importante¹ (Pym, 2006: 5), incluindo diferentes profissionais que trabalham em diversos processos, do design ao controlo de qualidade e ao *desktop publishing*. O objectivo principal desta transformação consiste, já não em permitir o acesso a textos que de outra forma estariam vedados aos leitores que não falassem a língua do original, mas na adaptação de um produto, através da localização de software, ou, no caso da localização de páginas Web, apenas da imagem do produto², de forma a poder ser distribuído em mercados distintos (LISA, 2010).

A lógica empresarial da localização introduz na actividade da tradução uma dinâmica que até agora nunca tinha tido. Embora seja possível sugerir que o conceito de localização é ainda anterior à era da electrónica (Pym, 2004: 167) e que,

¹ Em teoria, seria até possível que a localização do produto pudesse prescindir da tradução (pelo menos do tipo de tradução mais frequente, i. e. a tradução inter-linguística), nomeadamente no caso de um software português destinado apenas ao mundo lusófono que deva ser localizado para os mercados de Brasil e dos PALOP.

² A Ikea, por exemplo, localiza a sua página Web para o mercado português, mas vende roupa de cama em medidas que são padrão nos países nórdicos, não em Portugal.

forçando um pouco a analogia, as traduções da Bíblia no século XVI possam ter sido os primeiros projectos de localização na Europa, o certo é que a tradução foi até há bem pouco tempo uma tarefa individual realizada de forma mais ou menos artesanal. Em parte devido ao facto de movimentar um importante volume de negócios, e pela dimensão dos projectos envolvidos, a localização, no trilha da globalização, necessitou transformar este tipo de tradução numa indústria com parâmetros mais definidos – prazos rígidos, critérios de qualidade bem quantificados, definição explícita de competências –, o que tem levado a uma certa separação (justificada?) entre “localizadores”, i.e. tradutores que trabalham em projectos de localização, e “tradutores”, i.e. todos os outros.

Mas serão tantas as diferenças entre uns e outros? Terá a tarefa do localizador³ especificidades que, para além da necessária literacia tecnológica exigida a este, justifiquem uma nova denominação, em vez de ser considerada como mais uma modalidade da tradução (Pagans, 2002)? Para se obter uma resposta convincente a estas perguntas é necessário determinar com exactidão quais as competências profissionais necessárias para cada actividade. Contudo, essa definição não é possível sem antes se conhecer os diversos materiais com que ambos os tipos de profissionais devem trabalhar. Assim, nas páginas que se seguem, abordam-se algumas questões relativas a esses materiais, nomeadamente aquilo que diz respeito ao texto de partida, aos processos de transferência linguística requeridos em cada caso e às expectativas quanto ao texto de chegada produzido.

³ Por uma questão de economia de termos, mantemos aqui a designação de “localizador”, apesar de concordarmos com a observação de Anthony Pym (2006:4) de que “[t]here is no one person there who acts as an all-round ‘localizer’”.

O texto de partida

A invenção da prensa móvel no século XV consolidou a noção de um original inalterável bem como a de um autor como sujeito proprietário do texto por ele escrito (Bassnet e Trivedi, 1999: 2). Perante este texto, visto como artefacto acabado, a tarefa do tradutor consiste em produzir um texto traduzido que represente e seja ‘fiel’ ao texto original. Embora a noção de fidelidade tenha quase tantas definições como teóricos da tradução e apesar de as correntes mais recentes como o desconstrutivismo porem em causa a noção de ‘original’ e de ‘autor’ (Davis, 2001), especialmente no que diz respeito à tradução literária, o facto é que o tradutor está limitado na sua estratégia tradutiva e nas suas escolhas lexicais, sintácticas e estilísticas, por esta necessidade de fidelidade ao texto de partida e à ‘intenção’ do autor. Séculos de teorias prescritivas de tradução, que vão do poeta Latino Horácio (Lefevere, 1992: 15) ao teórico Peter Newmark, e mantidas em vigor pela indústria editorial e as publicações especializadas, encarregaram-se de salientar a necessidade de preservar tanto quanto possível forma e conteúdo para conseguir um “efeito equivalente” (Nida, 2000).

Ao contrário, a lealdade do localizador assenta noutros princípios. Na localização, a fidelidade ao original passa a um segundo plano, especialmente porque já não há um original no sentido estrito, isto é, o texto localizado já não representa um texto original preexistente (Pym, 2004: 5).

[a] key difference between localization and translation is the fact that traditional translation is typically an activity performed after the source document has been finalized. Localization projects, on the other hand, often run in parallel with the development of the source product to enable simultaneous shipment of all language versions” (Esselink, 2000: 2).

Para além de o original ser um objecto muito mais fluído, constantemente sujeito a modificações, este não tem um autor identificável como sujeito individual: num projecto de localização, o autor do texto (e do produto) é um sujeito corporativo, o mesmo que inicia e, em última instância, valida a versão final. É portanto expectável que durante o processo de transferência os condicionamentos do localizador e do tradutor provenham de fontes diferentes: no caso do tradutor, da autoridade do autor e do texto original; no caso do localizador, dos objectivos de quem encomenda a tradução e das limitações ou orientações explícitas dadas por este através do “kit de tradução”, que inclui glossários, memórias de tradução e guias de estilo, que nem sempre estão presentes na tradução técnica.

A escrita para a tradução na localização

Fora do âmbito da localização, a escrita raramente é feita em função da sua posterior tradução. Precisamente porque tanto pode ser um acto de auto-representação espontânea (Venuti, 1998: 61) – i.e. expressão –, como um veículo de ideias, conceitos ou ideologias – i.e. comunicação –, a escrita tem habitualmente uma forte carga cultural, que pode manifestar-se através de termos ‘intraduzíveis’, alusões, pressupostos, intertextualidade e outros recursos, e que constitui um dos principais desafios com que se depara não apenas o tradutor literário, mas também, embora em menor medida, o tradutor técnico. Mais ainda, o tradutor deve escolher a sua estratégia e decidir caso a caso se é conveniente produzir um texto de chegada domesticado ou naturalizado, ou, pelo contrário, uma tradução “estrangeirizante” (Venuti, 1995, 1998). Isto é, aquilo que já em 1813 Friedrich Schleiermacher (1992: 42) exprimia da seguinte forma:

Either the translator leaves the writer alone as much as possible and moves the reader toward the writer, or he leaves

*the reader alone as much as possible and moves the writer
toward the reader.*

O localizador não tem essas opções, uma vez que a localização pretende apagar, neutralizar ou adaptar quaisquer marcas que subsistirem da cultura original, com o fim de facilitar a recepção do produto pelos diferentes *locales* e a rápida compreensão do texto localizado: “instant recognition and digestion of the Message are of paramount importance, and foreignization of the Content just does not fit in with the nature of this medium” (O’Hagan e Ashworth, 2002: 68).

Contudo, a adaptação da mensagem aos potenciais *locales* não compete apenas ao tradutor e começa já na fase do design do produto, isto é, no processo de internacionalização, essencial para a localização ser bem sucedida. O localizador, portanto, recebe os textos parcialmente “digeridos” através da internacionalização, cujo objectivo é “to detect and eliminate upstream, hard-to-localize elements for a given product” (*ibid.*: 70).

A internacionalização, portanto, generaliza o produto, para que este seja mais facilmente localizável. Este processo envolve não só os formatos de datas, números, características dos teclados, etc., mas também a chamada “writing for translation”, que produz textos de determinadas características, o que irá reduzir o grau de dificuldade da tradução, bem como o tempo de execução e o custo desta. Algumas destas características são (Esselink, 2004: 27-30):

- frases e parágrafos curtos, de preferência na voz activa;
- linguagem clara e concisa, sem ambiguidades, num estilo “básico e uniforme”;
- conteúdos sem referências ou exemplos culturais específicos;
- uso de uma “linguagem controlada”, tal com tem vindo a ser feito por alguns sectores da indústria, nomeadamente a aeronáutica e a automóvel.

Mais ainda, os textos com maior grau de complexidade em termos de adaptação cultural, não são confiados ao localizador:

Pages that require real “localization”, i.e. many adaptations to regional standards and conventions, such as marketing text, may need to be rewritten by local authors in each of the target languages. Involving in-country offices or contacts in this process is recommended. Localizing this type of content goes way beyond translation because it is an integral part of the company’s global branding initiative. Pages that contain no country-specific information, such as technical product information, can be sent directly for translation. (ibid.: 39)

Do acima referido pode deduzir-se que a adaptação cultural é demasiado importante para feita pelo localizador e que a tarefa deste nesse sentido é apenas residual, portanto a tradução dentro de um projecto de localização é uma actividade relativamente mecânica e repetitiva. Assim, enquanto nas últimas três décadas, os Estudos de Tradução têm reivindicado a tradução como um acto de rescriça criativa e o tradutor como um mediador cultural cujas escolhas estão longe de ser inócuas ou ingénuas, a indústria da localização vem recuperar um conceito conservador da tradução como “just a language problem” (Pym, 2004: 52).

O texto de chegada

Para o tradutor a escolha de uma estratégia tradutiva que derive num determinado texto de chegada depende muitas vezes de dois factores interligados: a função ou *skopos* da tradução (Vermeer, 2000) e o leitor-alvo. Determinar se um contrato é traduzido apenas para facilitar o acesso ao texto original (tradução documental, na terminologia de Vermeer) ou para funcionar como documento

legalmente vinculativo (tradução instrumental), saber se o texto de chegada será lido por um leitor especializado, desinformado, juvenil, etc., são factores vitais para se decidir o tipo de linguagem, as ‘liberdades’ que poderão ser adoptadas em relação ao original, os recursos estilísticos mais adequados, entre outras⁴.

Determinar qual é o leitor-alvo do texto localizado é muito mais complexo quando, em vez de milhares (como pode ser o caso de uma publicação especializada ou inclusive de um jornal) existem vários milhões de potenciais leitores, com características extremamente diversas. É evidente, portanto, que não é possível nem relevante definir um leitor-alvo ou leitor médio do sítio da Nike ou do Microsoft Office. É necessário então que o texto localizado escolha um mínimo denominador comum e mantenha os princípios de simplicidade, clareza e neutralidade que orientam a produção do texto de partida.

Porém, o texto localizado não tem apenas leitores: tem também utilizadores, que são a quem se destinam as “strings” e os diversos textos num software. Esta distinção entre leitores e utilizadores implica também uma diferença na forma em que é avaliado o trabalho do tradutor e do localizador e no modo como se percebe a confiança depositada num e noutra. Em tradução, o texto de chegada, até nas versões mais livres ou experimentais, assume-se sempre como uma representação do texto de partida e a tradução é reconhecida como tal na medida em que é possível estabelecer uma correspondência entre os dois textos. A confiança que o tradutor obtém do leitor e a ‘qualidade’ da tradução dependem da forma como é sentida a proximidade ou o afastamento do texto de partida relativamente ao texto original.

Em localização, pelo contrário, o texto de chegada não representa qualquer texto de partida, dado que este simplesmente desaparece. Por isso, a confiança que o localizador merece é medida unicamente de acordo com a eficácia do texto por

⁴ Este é um dos motivos por que, em qualquer tipo de tradução, seja de uma obra literária ou das contas anuais de uma empresa, podem existir múltiplas traduções válidas de um mesmo original, enquanto a localização produz versões únicas nas quais se privilegia a homogeneidade e a continuidade.

ele produzido: “[s]uch language workers ultimately achieve trust not on the basis of where their words have come from, but on what can be done with the texts they produce” (Pym, 2004: 175). A ‘qualidade’ do resultado não depende da sua adequação ao texto de partida, mas da facilidade com que o receptor/utilizador pode reconhecer e realizar as tarefas propostas. Por outras palavras, o texto localizado é totalmente autónomo e independente da sua origem.

Apesar desta relativa autonomia do texto localizado, as escolhas do localizador estão longe de ser livres, mas as condicionantes são diferentes daquelas que limitam o trabalho do tradutor. Enquanto este deve ter em conta questões de estilo, de registo, de tom, de intenção, etc., o localizador deve dar prioridade às restrições de espaço impostas pelas caixas de diálogo, colunas, tamanho do ecrã, bem como às traduções já realizadas de textos semelhantes (i.e. versões anteriores de um software) e às orientações fornecidas pelo iniciador/cliente: “[i]f you are Microsoft, you can call a file a *file*; if you are Apple, you can call it a *folder*, or vice versa” (Pym, 2004: 60). O cliente reserva-se o direito de nomear conceitos novos e de validar em última instância as escolhas ou sugestões do localizador, que também devem passar pelo filtro dos outros membros da equipa de localização, nomeadamente revisores e o gestor de projecto. Embora estes condicionantes também se apliquem, pelo menos em teoria, à tradução técnica, a verdade é que isto nem sempre se verifica: é frequente as decisões do tradutor se basearem no seu grau de especialização e na sua pesquisa individual, sem qualquer controlo posterior⁵.

É assim que, no caso da tradução, seja ela literária ou técnica, o ónus da responsabilidade recai sobre o tradutor, que é habitualmente identificado e reconhecido como o produtor do texto de chegada. Até nos textos traduzidos por mais do que um tradutor, normalmente cada um deles é identificado de forma individual, o que implica também uma certa responsabilidade intelectual pelo texto

⁵ Isto, claro está, pode ter resultados pouco afortunados, como o caso, citado por Francisco Magalhães (2003: 109), de “pace maker” traduzido como “marcador de passos”.

de chegada ⁶. Em contrapartida, o texto localizado, como resultado de um esforço colectivo e, sobretudo, como produto autónomo já desvinculado do original, remete o localizador ao derradeiro anonimato.

A (não) linearidade do texto

A era digital tem vindo a modificar a noção de texto, quebrando a sua linearidade tradicional. Nestes novos textos deixam de ter tanta relevância as relações de causalidade, as sequências temporais e até a própria noção de contexto, que são substituídos por hiperligações, redes e diversos modos de navegação. O leitor de um texto digital normalmente não lê um texto do princípio ao fim, mas escolhe, através das hiperligações, aquelas partes que proporcionam a informação relativa a uma determinada questão ou resolvem um problema pontual.

Para além disso, o facto de não existir um texto de partida único e fixo, mas uma sucessão contínua de modificações e actualizações, implica que o localizador deverá muitas vezes trabalhar sobre fragmentos de textos.

Texts can no longer be assumed to operate as organic wholes, issuing forth from the mind of a single and coherent creator. They are more commonly fragments comprising fragments of other texts, in a language drawing on several languages, issuing from a series of reworking authors. [...] A text is quite simply whatever unit is distributed as a unit. In the age of printed books, one might have thought of books; in the age of combinable paragraphs, the text will be a 'chunk'; and so on. (Pym, 2002: 17)

⁶ Embora com numerosas excepções, nomeadamente manuais de instruções ou especificações técnicas, os textos técnicos traduzidos (de relatórios anuais a folhetos turísticos) costumam incluir uma ficha técnica em que são referidos os nomes dos tradutores.

Estes fragmentos de textos consistem habitualmente em ‘informação nova’, que é inserida em estruturas maiores e que irão alimentar os glossários e memórias de tradução, estabelecendo assim o precedente para traduções futuras. Também é frequente o localizador receber pequenos fragmentos sem conexão, que deve traduzir “às escuras” (Biau e Pym, 2002: 8), respeitando as traduções já aprovadas.

Para além das dificuldades que a falta de contexto pode colocar ao nível da palavra (a palavra inglesa *none* deverá ser traduzida como *nenhum*, *nenhuma*, *nenhuns* ou *nenhumas*?, Esselink, 2000: 63), o texto, tanto o de partida como o localizado, deverá prescindir ou fazer um uso muito cauteloso de deícticos, alusões, pressupostos e omissões.

O tradutor habitualmente trabalha sobre textos completos, sejam eles obras literárias, relatórios e contas, artigos científicos ou cartas comerciais. Embora possa utilizar ferramentas de tradução assistida que lhe permitam reutilizar traduções anteriores, o tradutor, ao contrário do localizador, pode mais facilmente ter uma visão global do projecto (ainda que a dimensão deste possa exigir uma divisão do texto por vários tradutores, a visão do conjunto é possível e até necessária) e um controlo mais directo sobre o resultado, bem como pronunciar-se sobre a fiabilidade ou adequação de traduções anteriores e tomar decisões informadas que alterem o resultado final da sua versão.

Conclusões

Ao longo das páginas anteriores observaram-se alguns dos problemas que se colocam a tradutores e localizadores e a forma como são resolvidos. Estes problemas estão relacionados com as características dos textos de partida, no que respeita à sua organização e conteúdo linguístico e cultural, bem como as dos textos traduzidos ou localizados.

À primeira vista, poderá parecer que são mais os factores que separam do que aqueles que unem as duas actividades, devido ao facto de os materiais com que

ambas trabalham serem de natureza tão distinta. Contudo, convém não esquecer que, apesar destas diferenças, existe um núcleo comum a tradutores e localizadores, na medida em que nos dois casos estamos perante tipos de mediação linguística e cultural, essenciais num mundo globalizado. O facto dessa mediação se negociar de maneiras diversas não significa que se trate de duas actividades completamente opostas.

Se concordarmos com Anthony Pym (2002: 9) para quem a tradução é, entre outras coisas, “um problema de geração e selecção, bem como de resolução de problemas”⁷, tanto o tradutor como o localizador deverão ser capazes de resolver problemas de forma criativa e apropriada para o tipo de resultado que pretendem alcançar. Por isso, e retomando o que se afirmava na introdução, para ser possível definir quais as competências necessárias a tradutores e localizadores, é necessário aprofundar o nosso conhecimento destes problemas e dos recursos disponíveis para a sua resolução.

⁷ Tradução nossa.

Referências

- BASSNETT, Susan & TRIVEDI, Harish (eds.) (1999) *Post-colonial Translation – Theory and Practice*, London and New York: Routledge.
- BIAU GIL, José Ramón e PYM, Anthony (2002) “Technology and translation (a pedagogical overview)”, Universitat Rovira I Virgili [http://isg.urv.es/library/papers/BiauPym_Technology.pdf], acedido em 6 de Abril de 2010.
- DAVIS, Kathleen (2001), *Deconstruction and Translation*, Manchester, UK & Northampton, MA.: St. Jerome Publishing.
- ESSELINK, Bert (2000) *A Practical Guide to Localization*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LEFEVERE, André (1992) *Translation/History/Culture – A Sourcebook*, London & New York: Routledge.
- Localization Industry Standards Association [http://www.lisa.org/Glossary.108.0.html?tid=1], acedido em 12 de abril de 2010.
- MAGALHÃES, Francisco (2003) “O mercado da tradução em Portugal (estudo sociológico)”, in Maria Zina Gonçalves de Abreu e Marcelino de Castro (coord.) *Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional*, Cascais: Principia, pp.107-20.
- O’HAGAN, Minako e ASHWORTH, David (2002) *Translation-mediated Communication in a Digital World – Facing the Challenges of Globalization and Localization*, Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

PYM, Anthony (2002) “Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In defense of a minimalist approach”, Tinet [<http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/competence.pdf>],
acedido em 6 de Abril de 2010.

_____(2004) *The Moving Text – Localization, translation and distribution*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

_____(2006) “Localization, Training, and the Threat of Fragmentation”, Tinet [<http://www.tinet.cat/~apym/on-line/translation/translation.html>], acedido em 15 de abril de 2010

PAGANS, Marta (2002) “Localização, localizamo-nos?”, Revista Tradumática [<http://cvc.instituto-camoes.pt/tradumatica/rev1/mpagansPT.html>], acedido em 22 de Abril de 2010.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (1992 [1813]) “On the Different Methods of Translating” (trad. de Waltraud Bartscht), in Rainer Schulte e John Biguenet (eds.) *Theories of Translation – An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, Chicago and London: University of Chicago Press, pp. 36-54.

VENUTI, Lawrence (1995), *The Translator's Invisibility*, Routledge, London and New York.

_____(1998), *The Scandals of Translation. Towards an ethics of difference*, Routledge, London & New York.

VERMEER, Hans J. (2000 [1989]) “Skopos and Commission in Translational Action” (trad. de Andrew Chesterman), in Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*, London and New York: Routledge, pp.223-32.